

**LENDO AS REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO E DO PROFANO “N’O PÃO
NOSSO DE CADA DIA”, DE MARCOS DUTRA**

**READING THE PROFANE AND SACRED REPRESENTATIONS IN “OUR BREAD
OF EVERYDAY”, BY MARCOS DUTRA**

Eliane Cristina Testa¹

*“O pão nosso de cada dia nos dai hoje”
Mateus 6:11*

Resumo

Este artigo faz uma leitura, dentre várias possíveis, a partir dos conceitos de Mircea Eliade, do sagrado e do profano na instalação *O pão nosso de cada dia*, do artista plástico Marcos Dutra, exposta na cidade de Araguaína, no ITA-Instituto de Tocantinense de Arte, em 2007. Analisando as fotos com as exposições, percebemos que o sagrado e o profano estão presentes nas telas, com abordagens que apontam tanto o mítico quanto o materialismo presente na atualidade.

Palavras-chave: Arte tocantinense; artes visuais; sagrado e profano

Abstract

This article goes over Mircea Eliade's sacred and profane concepts, in the installation *Our everyday bread* of the plastic artist Marcos Dutra, exposed in the city of Araguaína, in the ITA- Tocantinense institute of Art, in 2007. Analyzing the pictures in the exhibitions, we noticed that the sacred and the profane are present in the pictures approaching the mythical as well as the materialism in the present time.

Keywords: Tocantins art, visual arts; sacred and profane

Introdução

O presente artigo pretende fazer uma leitura da Instalação²: *O pão nosso de cada dia*, do artista plástico tocantinense Marcos Dutra³, exposta na cidade de Araguaína, no ITA – Instituto Tocantinense de Arte, em maio de 2007. Essa leitura se dará a partir das relações das representações do sagrado e do profano que se fazem presentes na instalação analisada, porém também utilizar-se-á de outra exposição *Inspirando, respirando... Vim do barro* (Palmas,

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, artista plástica e poeta, é professora do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins.

² Instalação: termo que se aplica às modalidades de arte em que consiste em uma construção ou montagem de materiais, em caráter permanente ou temporário, às vezes em escala suficientemente grande para que o espectador possa nela entrar ou passar-lhe através (MARCONDES: 1998, p. 158)

³ Marcos Dutra: nasceu em 1978, na cidade de Pequizeiro, Tocantins. Em 1992 iniciou sua carreira nas artes plásticas. Autodidata, dedica-se aos estudos da cultura regional e ao material existente no cerrado tocantinense. Participou de exposições coletivas e individuais; nacionais e internacionais. Atualmente, dedica-se à arte contemporânea, com preferência pelo abstrato e por instalações artísticas.

2009), para melhor comprovar na análise questões sobre o sagrado e o profano. Como subsídio teórico selecionou-se os pressupostos teóricos de Mircea Eliade (2008, *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes) sobre a essência das religiões, em que contextualiza a experiência religiosa na existência humana e apresenta as manifestações do sagrado e do profano como formas de ser-no-mundo. Outros textos sobre o artista publicados em revistas eletrônicas e em Congressos também foram utilizados como suportes teóricos. Escolhemos trabalhar com o artista em questão, porque mesmo residindo e produzindo no norte do Brasil, ou seja, longe dos centros hegemônicos; considerada, muitas vezes, uma região periférica no contexto da produção artística contemporânea, percebemos a proximidade de Marcos Dutra com esta produção.

O fazer artístico

Marcos Dutra, é um artista eclético, que está buscando mergulhar com muito vigor nas tendências das artes visuais contemporâneas, “hipermoderna” ou “pós-moderna” (DUARTE: 2008, p.19). Apesar de se constatar, após estudar parte da produção de Dutra, que o artista ainda não rompeu completamente com as formas tradicionais de arte, pois grande parte de seus trabalhos ainda são produções em tela, com suportes em tecido e madeira.

Segundo, Paulo Sérgio Duarte “isto que está sendo chamada de arte contemporânea se encontra em gestação desde o início do século 20 e seu corpo estaria sendo delineado há uns 50 anos” (DUARTE: 2008, p.15). Este fenômeno que muitos teóricos estão chamando arte contemporânea nos apresenta uma gama de possibilidades do universo artístico, mas nem sempre é fácil compreendê-las ou apreender suas linguagens, pois são tantas formas de expressões; são tantas possibilidades de materiais, que se torna muito comum nós nos perguntarmos: mas isto é arte? Frente a tantos trabalhos que rompem com as formas convencionais de arte, e se expressam de maneiras bem diferentes da pintura, da fotografia ou da escultura, o espectador, talvez, ao se deparar com exposições contendo: Instalações de arte, performances, trabalhos sonoros e visuais, Intervenções urbanas, vê-se, muitas vezes, perdido. Desta forma, como lidar com toda esta visualidade da arte na atualidade ou com a dimensão poético-artística dos nossos dias? Como apreender ou perceber as novas linguagens propostas pela arte contemporânea?

Desde que Marcel Duchamp apresentou seus *ready-mades*⁴, *a fonte, roda de bicicleta e L.H.O.Q.*, dentro de um museu na França, o mundo da arte rompeu com muitos de seus aspectos tradicionais. É a partir do século XX que algumas expressões e formas artísticas, passaram a questionar as instituições tradicionais, os locais e a própria arte, que é colocada em cheque. Com os seus *ready-mades* Duchamp abriria espaço na crítica para questionar o estatuto da arte em seu tempo, os critérios de avaliação e seleção de obras de arte. Assim, como Duchamp criou novas linguagens e expressões para a arte, no Brasil na década de 60 e 70 Hélio Oiticica e Ligya Clark apresentaram para o mundo da arte a liberdade da experimentação e conceitos de anti-arte, suas experimentações desembocariam numa arte interativa, o que já configuraria um dos principais direcionamentos da arte contemporânea, um desdobramento onde obra-espaço-tempo-espectador dialogam mutuamente. É assim com os *Bólidos*, com os *Penetráveis*, com os *Parangolés*, de Oiticica, onde o mais importante é experimentar as possibilidades de se transpor uma experiência artística para o universo da vida cotidiana. Portanto, arte e vida ocupam um mesmo espaço e tempo. Agora são construções que se experimentam muito mais com as interferências do espectador. Nos “rumos” destas infinitas possibilidades, das novas linguagens que propõem outros valores e olhares; é que o artista tocantinense apresenta sua mostra contemporânea.

Símbolos sagrados e profanos

A instalação *O pão nosso de cada dia*, apresentou uma série de objetos com arranjos e composições diferentes. Ao longo da visita constatou-se a predominância de um material: o pão. Percebeu-se que o artista selecionou o pão como objeto principal da mostra e, desta maneira, levou-o a outras esferas. Outra ao apropriar-se do pão para criar suas composições, para organizar sua instalação, este mesmo elemento será transformado e ressignificado; porque não cumprirá mais a sua função primeira. Portanto, o pão será apresentado, ao espectador, descontextualizado da sua função original e sendo recontextualizado em formas plástico-visuais.

Através da instalação o artista plástico cria um ambiente *sui generis* onde o espectador acaba não passando imune, vendo-se, de alguma forma, provocado, pois se têm ali

⁴ ready-made – denominação dada por Marcel Duchamp, a um trivial objeto manufaturado, de uso corrente, que é escolhido por um artista para ser exibido como obra de arte, despojado da sua função própria, em uma espécie de comentário divulgado pelo Dadá e pelo Surrealismo, sobre as intenções do artista ao fazer arte, diferente da habilidade manipulativa aplicada às formas tradicionais. (MARCONDES: 1998, p. 249)

possibilidades de se questionar acerca da expressão estética. É o espectador alimentando-se de pão-arte em níveis de abstrações emotivas e sinestésicas.

Conforme, o dicionário de símbolos “O pão é, evidentemente, símbolo do alimento essencial. Se é verdade que o homem não vive só de pão, apesar disso, é o nome de pão que se dá à sua alimentação espiritual, assim como ao Cristo eucarístico, o pão da vida. É o pão sagrado da vida eterna, do qual fala a liturgia” (CHEVALIER e GHEERBRANT: 1999, páginas 681 e 682). Sabe-se que existem diferentes símbolos para o pão em diferentes liturgias. O pão ázimo: a hóstia, que representa ao mesmo tempo, como diz São Marinho “a aflição da privação, a preparação para a purificação e a memória das origens” (apud CHEVALIER e GHEERBRANT: 1999, p. 682). Ainda se tem a narrativa bíblica da multiplicação dos pães:

Mas, disseram eles, nós não temos aqui mais que cinco pães e dois peixes, —
Trazei-mos, disse-lhes ele. Mandou então, a multidão assentar-se na relva, tomou
os cinco pães e os dois peixes e, elevando os olhos ao céu, abençoou-os. Partindo
em seguida os pães, deu-os aos seus discípulos, que os distribuíram ao povo.
(MATEUS, 14: 17-19)

Assim, vê-se que o pão, na passagem bíblica citada se torna um elemento sagrado, uma vez que, sofre um milagre operado por Jesus Cristo. O pão ali também seria uma forma de saciar a fome da multidão.

Da mesma forma, o pão pode ser apresentado como uma metáfora para nossa luta diária, conseguido, através do nosso suor e trabalho, como fala a música de Zeca Baleiro, Babylon “nada vem de graça/Nem o pão nem a cachaça”. Ou como diz São Clemente “Bem – aventureiros aqueles que alimentam os que têm fome de justiça pela distribuição do pão”. (apud CHEVALIER e GHEERBRANT: 1999, p. 682). Este é o “pão-alimento” que mata a fome, pão que nós também compartilhamos na luta pela sobrevivência.

“Mário de Andrade disse uma vez que a arte não é um elemento vital, mas um elemento da vida” (apud, COLI: 2006, p. 87). Não morreremos se por acaso não tivermos arte ela não nos é necessário como determinados elementos da vida, a exemplo do pão, mas ela permeia a nossa vida. “Se é verdade que o homem não vive só de pão”, como já foi citado anteriormente, isto é, nem só de coisas materiais vive o homem, Dutra apresenta em sua mostra que o pão não é somente um elemento “essencial” à vida, mas que ele pode ser matéria de criação artística. Talvez este trabalho nem tenha sido apresentado com um intuito comercial ou mercadológico, também parece que vai além de um fazer gratuito, da arte pela arte. Em uma matéria publicada no Jornal Stylo, o próprio artista fez a seguinte declaração sobre a fome “É um fantasma que sempre existiu e que, infelizmente, parece que vai continuar a assombrar os homens”. O artista

traz para a mostra, não apenas conceitos de arte, mas muito experiências ou vivências suas, como enfatizou em outra matéria publicada no site de José Damaso “É um trabalho experimental, que traz um conceito, minhas idéias sobre fatos da infância, de amigos e de vizinhos”.

Relações do sagrado e do profano

Com seus *ready-mades* à Duchamp, Marcos Dutra faz um jogo entre o Sagrado e o Profano, em sua instalação. Utilizou-se aqui o termo sagrado, conforme o conceito de Mircea Eliade “Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano” (ELIADE: 2008, p. 17), sendo também o próprio estudioso que o define como “o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo-real”. (ELIADE: 2008, p.18).

O jogo de opostos que aparece “n’ O pão nosso de cada dia” acabe, talvez, por dessacralizar objetos sagrados, como terços, santos e o próprio pão, a partir de um ponto de vista simbólico, da mitologia judaico-cristã. Estes que aparecem na exposição são colocados em um outro espaço, o do homem não-religioso das sociedades modernas, ou seja, o homem que vive e deseja viver num mundo dessacralizado, pois segundo Eliade “o homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma postura profana” (ELIADE: 2008, p.19). Ainda segundo Eliade, o homem se relaciona de dois modos no mundo, sendo que “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (ELIADE: 2008, p. 20). Desta forma, conseqüentemente, se há duas formas de se relacionar com o mundo é porque o mundo permite este jogo dual da existência humana.

Nas Figuras 1 e 2 apresentadas abaixo aparecem ícones religiosos como terços e santos, sob efeito de uma massa de pão mofada, embolorada e comprimidos dentro de um vidro transparente e tampado, observa-se:



“Figura” 1. Fotografia de Eliane Testa, maio de 2007⁵



“Figura” 2. Fotografia de Eliane Testa, maio de 2007

Vê-se nestas composições que os elementos sagrados da simbologia judaico-cristã ocupam um espaço limitado, pois os vidros estão rigorosamente tampados, porém se encontram num espaço ilimitado, o do fazer artístico e estético, que podem trazer em si espaços de reflexões e questionamento frente à arte. Assim, como Duchamp, que levou para o museu os *ready-mades* a *Fonte*, 1917 (um urinol invertido) e *Roda de bicicleta*, 1913, propondo um pensamento reflexivo do que seria arte, seu conteúdo e sua forma; também Dutra ao apresentar os seus potes de vidro com pães mofados, santos e terços propõe os mesmos questionamentos de Duchamp. Do mesmo modo o espectador poderá também levantar questionamentos do tipo: mas isto é arte? O que é arte afinal?

Marcos Dutra ao retirar esses objetos da sua função primeira e ao expô-los em espaços destinados à arte cria novas formas plástico-visuais, permitindo outras linguagens visuais. O artista apropria-se de objetos do cotidiano para compor seu trabalho e acaba criando um jogo entre duas dimensões: a sagrada e a profana. Porém, o terço e a santa aqui já não serão mais hierofanias⁶, pois já não serão mais vistos como objetos sagrados ou nem venerados ou

⁵ As fotos que aparecem no artigo foram tiradas por Eliane Testa, em visita a instalação “O pão nosso de cada dia”, de Marcos Dutra, que aconteceu no ITA, em maio de 2007, na cidade de Araguaína, Tocantins.

⁶ Hierofania: 1- “significa que o sagrado pode manifestar-se em qualquer coisa, como pedras ou árvores, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, ou de um culto de uma árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque revelam algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado.” (ELIADE: 2008, p. 18)
2- “O ato da manifestação do sagrado (...) algo de sagrado se nos revela” (ELIADE: 2008, p. 17).

cultuados. Pode até ser que os mais fervorosos na fé cristã ou para aquelas pessoas que apresentam um nível de valorização desta iconografia, estas recebam muito mal estas duas composições de Dutra, pois tomarão isto como ato de sacrilégio, uma afronta até mesmo um desrespeito as próprias imagens e suas simbologias.

A Figura 3 é uma composição intitulada “Caixa de Hóstia”:



“Figura” 3. Fotografia de Eliane Testa, maio de 2007

Semelhante a um hostiário, que é um recipiente que guarda hóstias ainda não consagradas, essa caixa de cor branca e preta contém: nove pães franceses dispostos verticalmente sob um montinho de pedras brancas.

Normalmente, nas igrejas católicas os hostiários ficam fechados e localizados no altar da Igreja, entretanto Dutra apresenta essa *Caixa de Hóstia* aberta; talvez, seja a metáfora da transformação, uma tentativa de revelar o que se pode tornar sagrado, através da hierofania. Também se encontra na instalação uma caixa aberta, suspensa na parede, com farelos de pão em seu interior, contendo na parte superior e externa um cálice com vinho tinto, propondo outra metáfora, a da cerimônia eucarística. A eucaristia é o sacramento em que o pão e o vinho convertem-se no corpo e sangue de Jesus Cristo. Contudo, os pães destas composições não serão mais transformados no corpo de Cristo e nem ofertados aos fiéis em seus rituais; serão sim, ofertados ao espectador como obra de arte, numa dimensão humana e real, porque não dizer profana.



“Figura” 4. Fotografia de Eliane Testa, maio de 2007

A Figura 4 apresenta uma composição formada por duas armações de arame, com pães em seu interior e ligadas por um cordão. Uma das partes de arame que lembra uma cesta de pães está amarrada no teto e a outra está sobre o chão. Este cordão lembra um cordão umbilical, assim, a partir desta semelhança, os pães estariam como que aninhados dentro de um útero, mas invólucro desce do céu: “Pai nosso que estais no céu (...) o pão nosso de cada dia nos dai hoje”, representando mais uma vez o divino, o sagrado. Matéria e espírito precisam de alimento e o pão espiritual; ligado ao plano divino é tido como alimento da alma e o pão *in natura*; ligado ao plano terreno é o alimento do corpo físico. Todavia, percebe-se através da composição que o plano divino e o humano estão ligados por um mesmo fio ou cordão, estão imbricados num mesmo espaço. Complementos, que surgirem de planos opostos: Divino X Humano. Idéias semelhantes são apresentadas no texto intitulado: *Entre o Divino e o Humano: análise semiótica de uma instalação de arte*:

Como defende Bakhtin (1995, p. 82), qualquer produto de consumo pode ser transfigurado em signo ideológico e, nesse caso, o pão ganha a dimensão de signo que vai caracterizar a tensão entre o divino e o humano, entre as urgências da alma e as necessidades do corpo. De um lado, a oração, o terço, as imagens sacras atualizam o contato com o sagrado; de outro, enuncia-se o esforço pela sobrevivência, o mundo do trabalho, a transformação da matéria pelo esforço humano na tentativa de garantir a subsistência. O pão representa a humanidade que opera sobre a natureza, transformando-a, como também opera sobre a linguagem, no exercício de construir sentido para a experiência humana. Dominar a matéria, operar sobre a linguagem: não é o desafio da humanidade? (SILVA et al, 2007)

Nas Figuras. 5, 6 e 7 os pães aparecem presos, amarados, enclausurados, em telas, feitas de arame prateados:



“Figura” 5. Fotografia de Eliane Testa, maio 2007



“Figura” 6. Fotografia de Eliane Testa, maio de 2007



“Figura” 7. Fotografia de Eliane Testa, maio 2007

Observa-se através das Figuras 4 a 7 que os pães aprisionados representam uma antítese, pois os pães aparecem em abundância em toda instalação. Surge assim, outro jogo de dualidade, configurado em: Abundância X Avareza. Destacam-se nas imagens as metáforas da avareza, aliás, a avareza faz parte dos sete pecados capitais; velhos conceitos do cristianismo, porém hoje seriam classificados como vícios. Avareza seria considerada um pecado e este se mantém contrário àquilo que é sagrado; portanto elemento profano. Realizando uma leitura sob um viés sócio-político, as composições podem representar o embate entre classes, ou seja, aqueles que detêm o pão: os ricos; a classe dominante (uma minoria) e aqueles que estão à mercê desta classe dominante; os pobres, os dominados (a maioria). Este jogo entre abundância e escassez, entre os que têm o alimento em suas mesas (vê-se a Figura 8) e os que apenas vêem o alimento, pois este está inacessível e somente pode ser olhado e desejado, configura o alimento como alvo de disputa, de lutas, sendo estas cada vez mais acirradas, principalmente, se contextualizadas do ponto de vista da desigualdade social, que uma das mazelas que predominam no sistema capitalista.

Dois pratos, um branco e vazio sobre uma mesa de madeira; metáforas da fome, da falta de alimento, da miséria, motivos de preocupações? Outro contendo um pão, sob uma fina camada de barro colocada dentro do prato e acima e fora do prato aparecem pães dispostos sobre uma lona marrom, observe-se na Figura 8:



“Figura 8. Fotografia de Eliane Testa, maio de 2007

São os discursos antitéticos que aparecem nas composições, aliás, em toda a instalação, configurados também pelos pares de opostos: Abundância X Avareza, Riqueza X Miséria.



“Figura” 9 . Fotografia de Eliane Testa, maio de 2007

A Figura 9 é uma composição que apresenta pães dourados dispostos pelo chão, colocados embaixo de uma cadeira de madeira, que aparece de forma inclinada e com uma das pernas encapadas de um material azul e dourado. Estes materiais dourados podem representar o luxo, a riqueza, o ouro frente à pobreza identificada aqui pelo material rústico, mas uma vez, discursos sobre: Pobreza X Riqueza permeia *O pão nosso de cada dia*. Para sobreviver o

homem acaba travando uma ferrenha luta e estas batalhas perpassam pelos espaços divinos e humanos: “Também na bíblia está ressaltado o esforço humano pela sobrevivência a partir do pecado de Adão e sua expulsão do paraíso. Tendo pecado, o homem passa a lutar pelo alimento, adquirido agora pelo esforço de suas mãos”(SILVA et al, 2007).

Temas religiosos aparecem na exposição *Inspirando, respirando... Vim do barro* (Palmas, 2009), confirmando que Dutra reitera a temática religiosa em trabalhos posteriores. Os intertextos com a bíblia são motivos recorrentes nas obras do artista, pelo menos em suas últimas produções. Conforme afirma, o texto de Silva “*Na mostra, cada texto ganha sentidos, não apenas por aquilo que lhe é específico, mas, sobretudo, pelas relações que estabelece com outros textos de diferentes substâncias, tendo em vista um projeto maior de articulação de sentido, pressuposta uma enunciação sincrética*” (apud SILVA et al, 2007).

N’o pão nosso de cada dia elementos como santos, terços, pão, vinho são tirados do seu contexto sagrado e contextualizados no profano, são utilizados como metáforas de mundos opostos.

O barro já tinha sido utilizado em algumas composições *d’o pão nosso de cada dia*, mas agora, é a matéria prima deste exposição de 2009. O barro serve de intertexto com a bíblia, além de fazer referência à narrativa da Criação, na mitologia judaico-cristã, esta se encontra no livro de Gênesis, na seguinte passagem “Senhor Deus formou, pois o homem do barro e da terra, inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivente”. (Gênesis 2:7-8). Portanto, o barro como um elemento primordial e signo recorrente da formação humana, serve de fonte de inspiração e criação para Dutra. Modelando o barro igual a um hábil arquiteto, o artista utiliza-se dele para criar novas imagens poético-estéticas.

Marcos Dutra ao trabalhar com o barro traz reminiscências de uma infância de garoto humilde⁷, suas origens estão implícitas no título da exposição *Vim do barro*, confirmado na frase pelo sujeito elíptico (eu) e também o termo *Vim* grafado com letra maiúscula reforça a ideia de origem, assim *Inspirando, respirando... Vim do barro* confirma uma ideia ontológica.

Dutra oriundo de uma cidade chamada Pequizeiro, um lugar quase desconhecido e localizado no interior do Estado do Tocantins, norte do País, era um menino percorria sua terra natal, este local privilegiado, aliás, como afirma Eliade:

Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira

⁷ Nota da autora: Em depoimento numa exposição individual, na cidade de Araguaína, em 2007. Marcos Dutra faz comentários sobre sua infância para um grupo de universitários, da Universidade Federal do Tocantins e afirma ter tido uma origem simples e humilde.

cidade estrangeira visitada na juventude”. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não-religioso, uma qualidade excepcional, “única”: são os “lugares sagrados” do seu universo privado (...). (ELIADE: 2008, p. 28).

Este *locus amenus*, a sua terra sagrada aparecem sob diferentes expressões em suas criações. O barro da sua terra moldado por sonhos futuros transformou-se em criação artística. Este passado *Vim* (do barro - origem) transformou-se em (Sou) presente, configurando seu processo de evolução, processo este que artistas podem sofrer no decorrer do trabalho. Dutra, não descarta suas origens, mas ressignificando-as no presente, materializando-as em suas obras.

Considerações finais

A criação artística é um ato de construção, um exercício carregado de signos e significados. Marcos Dutra traz ao percorrer diferentes linguagens ecléticas e plurais aproximá-se das linguagens contemporâneas das artes visuais.

Enfim, nesta luta da construção de significados, nós também compartilhamos seu cardápio artístico, seu bolo de arte; feito de pão e barro, contendo múltiplos sentidos e tentamos nos saciar através da arte.

Referências Bibliográficas

- CHEVALIER, Jean. Pão. In: CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera Costa e Silva [et al]. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. páginas 681-682.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DUARTE, Paulo Sergio. *Arte contemporânea: um prelúdio*. Rio de Janeiro: Silvia Roesler Edições de Arte, 2008.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- KARLLA, Lorena. Galeria Municipal recebe exposição O Pão Nosso de Cada Dia. *Josedamaso*, Palmas, 03 de Setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.josedamaso.com.br/2009/09/galeria-municipal-recebeexposicao.html>> acessado em 10 de Abril de 2010.
- MARCONDES, Luiz Fernando. Instalação. In: MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1998. p. 158

_. Ready-made. In: MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1998. p. 249

Mateus. Português. In: *Bíblia sagrada*. Trad. Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Ave-Maria, 2008. Edição Claretiana, 2008.

SILVA, L. H. O.; LIMA, G. D.; SANTOS, E.T.; TEIXEIRA NETO, O. G.; VANDERLEY, P. de S. . Entre o divino e o humano: análise semiótica de uma instalação de arte. In: *Congresso Científico da Universidade Federal do Tocantins*, Palmas. 2º Congresso Científico e III Seminário de Iniciação Científica da UFT, 2007.

Autor desconhecido. O pão nosso de cada dia chega a Araguaína. *Jornalstylo*, Palmas, 10 de Abril de 2007. Disponível em: <<http://www2.jornalstylo.com.br/noticias/?categoria=9&edicao=160>> acessado em 10 de Abril de 2010.